

Comunicação e cultura na corporeidade da dança contemporânea¹

Joana Fernandez PRIETO²
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP

Resumo

Ao relacionar comunicação e arte, este artigo apresenta um estudo interdisciplinar sobre a comunicação, cultura, corpo e dança contemporânea. Por meio de percepções e reflexões do universo sensível da dança e do espaço que a rodeia como também as afetações da casa – corpo repleta de transitoriedade. O objetivo é instigar e discutir as maneiras de comunicar com textos culturais não comuns. Ou seja, promover o debate e pensar a gestualidade que comunica sem palavras como forma de discurso a ser valorizado pela sociedade não contemporânea. Assim, o percurso metodológico se baseia em filósofos que pensam o corpo e a comunicação, o corpo e o espaço, corpo e cultura e o corpo e a dança. Mediante isso, os resultados corroboram a reflexões que estão na ordem da subjetividade, da sensibilidade, da crítica do pensar na totalidade mente e corpo e, a verdade sobre si na contemporaneidade.

Palavras-Chave: comunicação; cultura; corpo; dança; contemporâneo.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Mestranda em Comunicação e Cultura pela UNISO. E-mail: joannna.prietto@gmail.com

Comunicação, cultura e corpo

o texto da cultura – mitos, pinturas, romances, danças, rituais etc. – se constrói no diálogo, na operação interativa entre seus componentes subtextuais, no diálogo entre os signos e dos signos com o seu próprio percurso histórico (BAITELLO, 1997, p. 42).

Neste tópico o intuito está em refletir na interdisciplinariedade entre comunicação, cultura e corpo. E ressaltar a corporeidade e os sentidos (tato, paladar, audição, visão e olfato) como imagem que gera comunicabilidade (BAITELLO, 2014) e, formador de discursos corpóreos, ou seja, comunicação não verbal. Isto para que haja cada vez mais pausas para, o pensar e, reflexões relacionadas a corporeidade no cotidiano e na arte da dança e, seja mais observada como mídia repleta de imagens endógenas e exógenas (BAITELLO, 2014).

Desse modo, cita-se a epígrafe a cima, porque traz o discurso não convencional ou “textos da cultura” presentes no corpo em movimento mínimo – máximo e, em inúmeras artes, como: o cinema, o teatro, a escultura, a música, o grafite, a fotografia, a performance art, a pintura, a dança e tantas outras expressividades do ser humano que possibilita leitura, diálogo e transmissão ou comunicar sem palavras faladas ou escritas formais e padronizadas.

Com isso, pelo viés do pensamento de Baitello os “textos culturais” se constroem por diálogos entre corpos e a alteridade entrelaçada à verdade (FOUCAULT, 2011), que os tomam pelos percursos e trajetórias compostas por histórias diversas. Assim, formam signos e, de signos para signos, as imagens se comunicam. Porém, na área de comunicação e outras esses diálogos são observados e pesquisados em grande parte nos meios de comunicação de massa e, obviamente com grandes aportes para pensar o universo atual que bebe tecnologia digital e globalização (GARCIA, 2007).

Mas, inserir “textos culturais” diferentes do comum denominador que é a escrita, a fala e a imagens midiáticas que estão abraçadas com a “escuridão e, conseqüente cegueira que causa os holofotes da mídia” (AGAMBEM, 2009), na qual ofusca em parte o corpo pensante, cada vez mais raro, este se senta e se acomoda no pensar como totalidade (corpo e mente).

Uma das causas da falta de percepção corporal pode estar nas imagens “excrementais”, que são textos culturais, cada vez mais clichês e, “devoram” (BAITELLO,

2012) imensas porções da sociedade alienada, em parte resultado das intenções do mercado capital que propaga conexões ilusórias no mundo todo, na qual a exposição de imagem – imagem e imagem – corpo torna-se tão veloz e, em escalas gigantescas que os olhos raramente conseguem observar por tamanha superficialidade do capitalismo que explora a propaganda visual como “alma do negócio”.

Ao pensar o corpo esquecido, no sentido da reflexão e, não do corpo exposto como corporeidade plástica da mídia. Imprimi-se a falta de prontidão e interesse para pensá-lo e movimenta-lo. Isso ocorre em uma porção considerável da população que em parte, talvez seja consequência da sociedade imersa em “extensões (GARCIA, 2009) corpóreas digitais e, no imediatismo”.

Essas questões movimentam ainda mais esta escrita para a discussão focada na “mídia primária” (BAITELLO, 2012) que não “despreza a carne” (ORTEGA, 2007) e, que neste artigo está a favor de momentos de distanciamento do homem máquina. Para pensar outras possibilidades de discursos na comunicabilidade corpórea que são pouco estimadas como mídia e ferramenta de trabalho (dos artistas da dança, teatro, performance e outras artes) e, carece de mais reflexões relacionadas ao corpo que comunica sem a linguagem construída socialmente.

Para tanto, aponta-se através dos códigos comunicacionais inseridos na cultura que são de “natureza social, na qual não seria possível a formação e manutenção de comunidades sociais” (BAITELLO, 1997). Já que sem os códigos verbais, gestuais, visuais, e outros, o comunicar seria escasso ou quase nulo. Por isso, existe lugar e relevância para cada uma dessas linguagens.

Mediante isso, se ressalta as manifestações artísticas da corporeidade pela falta de reflexões em grande parte da sociedade e grau de irrelevância colocado pelo mercado profissional tradicional.

Ou seja, em grande parte o “texto cultural” de certos espaços passa longe da dança, pintura, música e tantas outras artes. Isto no sentido, não do ouvir ou passar os olhos pelo fazer artístico. E sim em atentar para a escuta, o sentir, o observar e o refletir no corpo, imerso em diferentes linguagens que produz sentido e comunica.

O corpo seja na arte e fora dela, comunica a todo instante e, “gera imagens com imensidões de informações”. Por isso, a princípio o propósito das artes corporais esta em mover o artista e o expectador à troca de “códigos corpóreos” de maneira a aguçar a sensibilidade e “reconhecimento do espaço-espaço e espaço-corpo no qual “não temos a

chave para entrar em muitos momentos na trajetória da vida” (BERTHERAT, 2010). Deste modo pretende-se causar provocações no pensamento mental e corporal para sair do lugar comum. Assim, a partir dessas inquietações aponta-se abaixo a citação de Norval Baitello (1997, p. 40-41) que entrelaça com as colocações realizadas até o instante.

Para tanto, apontam-se os “códigos impostos pelo ambiente social” que são afetadores em grande grau, mas também os “códigos intraorgânicos” essenciais para perceber as interferências do artista empenhado na afetação. Percebe-se o quanto a cultura comunica a corporeidade e que a comunicação esta intrínseca a cultura. Por isso, por meio de

Estes três níveis de códigos são intercomunicantes de maneira múltipla: um distúrbio nos códigos primários (por exemplo, no metabolismo ou na dinâmica de funcionamento dos neurotransmissores, determinadas psicopatologias, distúrbios metabólicos e hormonais) pode afetar diretamente a capacidade criativa e imaginativa de um indivíduo: teríamos aí casos de interferências dos códigos hipolinguais sobre os culturais. Inversamente, um determinado espetáculo, um poema ou um romance, um ritual, uma dança, uma peça musical ou teatral, ou até mesmo a narrativa empolgada de uma partida esportiva podem emocionar alguém até as lágrimas, afetando, ainda por momentos, seu equilíbrio biológico, ou seja, alterando o ritmo e a qualidade da comunicação intraorgânica: temos aí uma interferência dos códigos culturais nos códigos da vida intraorgânica.

Verifica-se que tanto os códigos primários relacionados à saúde mental e do corpo afetam a maneira do indivíduo colocar-se no espaço e, interfere em suas ações a nível sociocultural.

Mas, o inverso ocorre também, uma imagem, um filme, uma performance, a música, a dança e outras artes afetam (com lágrimas, alegria, tristeza, revolta, reflexões e, etc) a corporeidade. Assim, diversos meios informacionais permitem comunicação intraorgânica do corpo e altera o seu estado.

Perante essas pontuações sobre o a importância de observar e pensar o corpo. Visa-se a valorização do corpo como mídia não excremental. E sim, como corporeidade midiática (BAITELLO, 2014) que é afetada pelo ambiente onde recebe e expõe informações que comunicam seja em gestos perceptíveis e imperceptíveis.

Dessa maneira, destaca-se a gestualidade e suas repletas formas de expressão. Para que o “texto cultural” da dança e outras artes corpóreas possam ter lugar de respeito e discurso em maior instância na sociedade irreflexiva que pouco à nota.

De tal modo, no tópico a seguir se tece tentativas de causar reflexões e incômodo de maneira a buscar a produção do sensível por meio do toque da dança em junção com o espaço comunicacional.

Por um percurso corpóreo: entre dança e espaço

O intercâmbio de dados seja biológicos, culturais, econômicos e outros afetam a corporalidade. “Quando dois corpos se encontram, ocorre trocas de informações [...]” (BAITELLO, 2014, p. 45). Essa frase entrelaça com a proposição de pensar o corpo e o espaço no qual há troca de informações a todo instante, com inúmeros corpos e diversos ambientes onde acontecem essas trocas de dados contaminadas de cultura e que comunicam.

Nessa troca que o corpo absorve e, mostra aos olhos dos demais corpos, as informações rejeitadas e, aceitas, ou seja, a trajetória pela qual a corporalidade perpassou transparece na casa – corpo (BERTHERAT, 2010). E por meio da transitoriedade entre a corporalidade e espacialidade, (GARCIA, 2009) percebe-se que sem o corpo ou “mídia primária” (BAITELLO, 2014) em movimento não existe um espaço transformado (SANTOS, 1997) espaço mutativo, consequência do corpo vivo e, das transformações de natureza física e social.

As expressões da “mídia primária” possuidoras de ínfimas possibilidades comunicativas em diversas linguagens. Perpassa por inúmeros lugares e é mais afetado onde o corpo permaneceu maior parte do tempo ou afetou-se com mais intensidade por fatores inquietantes ao indivíduo e, isso transforma-se em “imagem midiática” (BAITELLO, 2012).

Esses “cruzamentos de códigos”, como: a geografia por onde passa, a trajetória histórica, a cultura, os fatores genéticos, a política e, a economia da sociedade entre outros. Traça percursos corporais unidas a suas procedências e, nota-se no corpo pelo movimento ampliado (artes do corpo) e o gestual.

Mas, o corpo é afetado e alterado. E algumas modificações escondem a gestualidade mínima e máxima do corpo. Como as tatuagens, maquiagem, roupas, adereços, piercing, sapatos, óculos e outros. Também temos alterações que modificam o “aspecto da carne” (ORTEGA, 2007), com anabolizantes, próteses, cirurgias plásticas, a alimentação incorreta pode moldar a corporeidade e outros fatores que interferem na forma e movimento corporal.

Contudo as interferências não são somente no aspecto físico da carne.

Sem perceber, desde os primeiros meses de vida, você reagiu a pressões familiares, sociais, morais. “Ande assim. Não se mexa. Tire a mão daí. Fique quieto. Faça alguma coisa. Vá depressa. Aonde vai você com tanta pressa...?” Atrapalhado, você se dobrou como pôde. Para conforma-se você se deformou.

Seu corpo de verdade – harmonioso, dinâmico e feliz por natureza – foi sendo substituído por um corpo estranho que você aceita com dificuldade, que no fundo você rejeita (BERTHERAT, 2010).

Essas afetações ou pressões como diz a fisioterapeuta Thérèse Bertherat sofridas pela corporeidade modifica a tensão e distensão dos músculos, a respiração, encaixe dos ossos e o resultado transferido para o órgão mais extenso do corpo, a epiderme. Moldado de acordo com o ambiente que o contamina.

Isso se refere também a criação do ser humano, que esta ligada aos aspectos socioculturais como ditadores do que é correto e incorreto. E isso vai de geração a geração. Os encaixes do corpo se desencaixam para adaptar – se a família, amigos, ao ambiente do trabalho e até na diversão.

A mídia é forte formadora de “corpos plastificados” (ORTEGA, 2007) e de maneira sedutora faz com que o corpo conheça outros lugares que não seu próprio lugar (corpocasa). Observa – se isso, nas danças mais comerciais. Na qual as bailarinas precisam ser sensuais e empinar o bumbum e, muitas não sabem que esse movimento constante gera hiperlordose. As vértebras da coluna são esmagadas na região lombar e o “alinhamento entre caixa craniana, caixa torácica e bacia” (BERTHERAT, 2010) é totalmente comprometido ocasionando futuras lesões, tensões musculares desnecessárias, não fluência da respiração e outros males a saúde do corpo.

E é claro a imagem que a corporalidade passa vem dessas interferências internas e externas. O espaço do corpo e o espaço externo a este, abriga recordações e são decompostas em corporeidade, seja algo positivo ou negativo a ser lembrado, existe uma resposta corpórea do ambiente como um todo em que é vivenciado por cada pessoa e infectado.

Dessa maneira, as afetações entre o corpo e o espaço estão ligadas ao “lugar”. Que segundo Milton Santos envolve a técnica e a paisagem. E onde a tecnicidade envolve a historicidade do indivíduo (SANTOS, 1997). E a paisagem engloba e é demarcada pelas ações do homem. Ao pensar nessa imbricação da espacialidade, a casa onde o corpo habitou mais tempo ou em maior intensidade afeta as ações de cada ser no mundo.

Com isso, se pode buscar o território imbricado com milhares de lugares. Um deles o corpo como casa e, a casa como espaço que afeta o corpo, lugar possível de encontro. Como menciona Bertherat (2010) “existem as chaves do seu próprio corpo e, se pode tomar posse delas”. Para perceber a linha entre o habitat e a corporeidade torna-se necessária escavar na memória o que abriga a casa-casa e a casa-corpo. Seja os pensamentos, o

devanear, as motivações, as brigas, os conflitos, os sonhos e entre outros que permeia a corporalidade e que dançam pelas paredes, janelas, banheiros, quartos, porão, garagem e outros lugares da casa habitada (BACHELARD, 1974).

E com isso, pode – se pensar o corpo como casa e a morada como forte interferência do corpo, as informações intrínsecas a corporeidade induzem a frase a seguir do filósofo Bachelard (1974, p.423): “Casa-ninho enquanto possuidora do formato do corpo. A casa cola - se em nós, assumindo nossa forma”. Este pensamento incitante conduz a refletir o quanto um só espaço (casa) forma o corpo e o afeta com tamanha intensidade. O quanto os demais “locais de cultura” (BHABHA, 1998) interferem no indivíduo.

Essa observação dos microsistemas do corpo na espacialidade permite notar que: “A cultura é o macrossistema comunicativo que perpassa todas as manifestações e como tal deve ser compreendido para que se possam compreender assim as manifestações culturais individualizadas” (BAITELLO, 1997, 18-19). Dessa maneira, no instante de pensar esse macrossistema comunicativo como cultura permiti acionar o microssistema comunicativo ou o “eu” de manifestações culturais individualizadas. Para notar um corpo na cultura comunicativa em uma comunidade de corpos.

Mediante isto, a imbricação entre o comunicar e a cultura são indissociáveis. Estabelecido pelos códigos de linguagem de cada povo em cada local e, os fatores culturais se dão pelas inúmeras maneiras de comunicar. Onde existe a troca de “informações” entre fatores comunicacionais e culturais que transitam em muitos espaços seja corpo, seja na casa, seja em uma comunidade indígena, seja nas redes sociais, no *tablet* digital e outros tantos meios pelos quais perpassa a corporalidade.

Dança contemporânea

Assim, por meio das an(dança)s dos pés da artista do corpo, pesquisadora e educadora que neste texto discorre sobre a sensibilidade comunicacional do corpo cotidiano e na dança. Tem como princípio a observação do próprio corpo, em constante trânsito e, à leva de volta a casa – corpo. Através disso direciona e obtém melhores percepções dessa corporalidade que encaminha a pensar no transitar dos demais corpos, ou seja, os locais por onde passa o corpo junto às transformações que de alguma forma afetam a corporeidade por meio da transitoriedade.

Sabe-se pelos estudos de Milton Santos, Norval Baitello, Bachelard e outros pensadores que o corpo modifica-se pela espacialidade e ao contrário também, no qual intervém na gestualidade e na movimentação seja no cotidiano ou na dança. Isso remete ao parágrafo abaixo que imbrica com as reflexões já colocadas:

Invisto num olhar sobre o corpo contemporâneo que, estrategicamente, explora o espaço. Falo de uma relação dinâmica que transpõe “novas/ outras” expressões discursivas quando se absorve a lógica corporal. Um ato que o coloca em trânsito. E parto dessa premissa para investigar as *Transcorporalidades* como quem observa mais o deslocamento do corpo, propriamente o objeto em si. Em fluxo constante, tais efeitos transcorporais (re) dimensionam marcas de atualização. Quando o corpo encontra o espaço, intensifica-se um grau de pertença, bem como ocorre uma tomada de decisão acerca da relação com o espaço – um enlace. E, assim, uma janela sempre se abre para a vida inteira, como uma porta! (GARCIA, 2009, p. 21).

A proposta de pensar o corpo na cotidianidade e na dança pelo viés da comunicação, cultura e espaço trazem uma proposta de trânsito, para refletir no contemporâneo nos próximos parágrafos.

Assim para continuar a pensar a casa-corpo, junto ao contemporâneo e a dança entrelace-se as frases de Bachelard e Garcia respectivamente: “A casa é o nosso canto no mundo” / “A casa cola - se em nós, assumindo nossa forma”; “Quando o corpo encontra o espaço, intensifica-se um grau de pertença, bem como ocorre uma tomada de decisão acerca da relação com o espaço – um enlace”.

Percebe-se que as frases de ambos pensadores não restringem o espaço como uma paisagem a ser vista ou um território imóvel, mas sim, como um “lugar” (SANTOS, 1997), um ambiente que afeta o ser e, modifica o indivíduo e, como resultado isso gera ou “intensifica o grau de pertença”.

Desse modo, o grau de pertença que comunga no casamento entre corpo e espaço. E gera os *entre – lugares* (BHABHA, 1998), que são locais da cultura que se formam provindos um tanto dessa sensação de pertencimento.

E o lugar de pertencimento da pesquisadora esta na possibilidade dos *entre – lugares* que a dança contemporânea proporciona por meio da experimentação e, local onde abrange o corpo contemporâneo. Essa dança que esta em território sem resultados precisos e de mãos dadas com a indefinição (MARINHO, 2009), torna-se atrativa para o sujeito não alienado e que busca inovações.

Mas o que é dança contemporânea? Esse questionamento está presente tanto para os que pensam a dança quanto para os que estão fora desse ambiente.

Para pensar melhor sobre essa espacialidade da dança contemporânea. Direciona – se ao conceito de contemporâneo que abrange o não linear, o fragmentado, o indefinido, o inconstante e outras palavras que não são do território delimitante e, sim expansivo, sem fechamentos (AGAMBEM, 2009).

Por essa razão a dança contemporânea é igualmente difícil de definir. Perpassa pela valorização do processo, do improviso, do jogo cênico, por processos colaborativos, por coreografias sem foco virtuoso esteticamente – mas destacadas por conceitos, pela quebra de narrativas com começo, meio e fim e, entre outros. (MARINHO, 2009).

A dança contemporânea principalmente traz questionamentos do fazer artístico e desconstrução. Comprometida em pensar de maneira política e crítica e, assim afetar o próprio artista/pensador e o espectador. Esse tipo de obra artística tem dentro do seu local, expansão e mobilidade e, não se acomodar na própria linguagem (MARINHO, 2009), pretende que o apreciador da obra vá a um lugar desconhecido, sinta e experimente o não vivido ou já conhecido de outra forma.

Por meio, desse fazer artístico da dança contemporânea e do questionar é que se pensa o quanto a mecanização do pensar e do mover impera na sociedade e, afasta-nos das sensações que a dança e outras artes trazem. Nota-se a não valorização do sentir e, supervalorização de resultados exatos, ainda assim a comunicação ocorre, mas existem outros lugares para uma comunicação não superficial e, uma delas é a dança.

Ou seja, o ser humano na contemporaneidade, no sentido da imersão tecnológica e o consumo desta, não conseguem com facilidade expressar sensações, não escuta o seu corpo e, sim os sons dos aparelhos tecnológicos. Está condicionado aos significados da obra e, não ao sentir. Poucos se deixam afetar pela arte da dança contemporânea, talvez pelo perigoso território – espaço que apresenta onde o leva ao incerto.

Por exemplo, um espetáculo de dança com trabalho corporal do contato improvisação, onde a observação, a atenção, o cuidado e, a entrega produz a linguagem não verbal por meio do toque. Onde essa atmosfera do movimento permite o olhar, o sentir o corpo do outro, seja em temperatura, velocidade, intensidade, peso e outros fatores da movimentação pelo tocar.

Trás o envolvimento, aos corpos presentes que sentem todas essas alteridades entre corpos, ao sentir e deixar-se afetar pelo outro. Nesse instante do toque, nessa dança em constante contato corporal e de improviso, bebe comunicação sem verbalização.

A defesa e clareza em estudar o corpo e, em específico a dança, está em ir para ordem do sensível pouco explorada, mesmo com tantos artistas em prol das linguagens não verbais. A prática e a valorização das artes e, no caso desta discussão das artes corporais, ainda está no desconhecimento aos olhos e pensamentos da maioria da sociedade.

Assim, pensar a corporalidade comunicacional e cultural na dança leva a refletir nas palavras dos pensadores Lyra e Garcia (2002, p. 67) que são observadores do corpo e percebem suas afetações. A citação abaixo que sintetiza a discussão deste texto.

Pensando sobre o corpo, pode-se imaginar as roupas que o escondem e o esculpem, as doenças que o maltratam e o condenam, as emoções e as sensações que dele transbordam e que o transcendem, as fotografias e os filmes que o colocam em cena...

Quem pretende pesquisar o corpo de maneira sistemática se encontra logo numa situação de grande embaraço: proliferação dos discursos, das imagens, a multiplicidade das aparências corporais, das roupas, das poses, dos gestos, das técnicas de trabalho braçal ou de cuidados com a saúde e a beleza...colocam o pesquisador num imenso jogo de espelhos.

A partir disso, denota-se que o “corpo é mídia” (BAITELLO, 2012) com múltiplas habilidades para tecer “textos culturais” versáteis (BAITELLO, 1997). O discurso esta nas roupas para esconder ou chamar a atenção do outro, nas cirurgias plásticas, nas doenças, no estado emocional, nas sensações, nas percepções, na criação, educação e, tantos outros fatores que perpassam pela corporalidade e, são afetadas por esses aspectos econômicos, políticos e socioculturais que compõem a partitura corporal na dança e no cotidiano.

O corpo comunica a todo instante por gestos, por trajés, por cores, pela fala, pelo modo de pisar, pelo modo de comer e, outros códigos que fazem parte da cultura de cada pessoa.

O indivíduo pode querer camuflar ou disfarçar algo das interferências que o afetaram. Contudo, como diz Angel Vianna ³, estudiosa do corpo e movimento: “sinto que as palavras camuflam, mas os movimentos esses mostram o mais íntimo do ser”. Tornam-se reais as palavras de Vianna, ao notar no corpo o que o impregnou entre alegrias, tristezas, doenças, cirurgias, ou seja, percursos, trajetórias com muita história. E por isso, inúmeras vezes pesquisar o corpo é definitivamente embaraçoso.

O corpo tem interferências biológicas, geográficas, políticas, religiosas, históricas, socioculturais e outras. O corpo quer ser o que quer, por horas consegue por horas não. O corpo pode espetacularizar ou não. Nesse fator está a complexidade de estudar o corpo, nas

³ Palavras da artista da dança Angel Vianna exibido no Canal arte 1 – Figuras da dança.

incertezas e, também em enxergar o outro no qual gera multiplicidades de imagem e de percepções.

Considerações finais

Este trabalho passa pela tentativa de tecer percepções relacionadas à comunicação, cultura, corpo e dança imbricada às interferências do espaço. A proposta seria provocar a reflexão sobre aspectos socioculturais e poéticos para que a corporeidade possa desacostumar da comodidade em pensamentos e movimentos. Mas, principalmente, incentivar a valorização da comunicação pelo corpo, como lugar de discursos e textos culturais, isto na dança e outras artes também. Buscar o território do reconhecimento corporal para que se possa ampliar o espaço de subjetividades e sensibilidades por meio da arte do movimento.

Também, instigar o pensar, a observação, a escuta do próprio corpo e do outro com o propósito de habitar a casa – corpo que lhe pertence a cada indivíduo. Principalmente, deixar os entraves, as tensões, as preocupações e julgamentos da sociedade, que vive a ditadura estética na qual padronizou o belo. Além de outros aspectos que podam a liberdade de expressividade da corporeidade (FOUCAULT, 2011).

Assim, torna-se necessário relaxar os músculos/ reorganizar eixos corporais e os pensamentos que movem o ser humano. Um movimento corpóreo sem conhecimento e direcionamento mesmo que em estruturas livres como a dança contemporânea que engloba diversas técnicas, sistemas e métodos podem opor-se a naturalidade anatômica do ser humano e a saúde do corpo. Sabe-se que há artistas que vão além desses parâmetros e limites do corpo. Porém neste artigo o foco está nesse cuidado e percepções do corpo tanto de quem dança e quem não dança.

Contudo deve-se aproveitar a política da dança contemporânea que permite indefinições, fragmentações, distanciamentos e outros. Mas, principalmente experimentações. Para frisar o lugar de experimentação dos pensamentos e do corpo para modificações futuras dentro da comunicação que abarca estudos interdisciplinares em diálogo com a arte e o espaço. Para que as pressões culturais deixem os corpos que ainda estão cheios de fechaduras com chaves para abri-las. E que se desprendam os receios de cada ser humano com medo de olhar o ser interior e, desconstrua máscaras do “eu” e do

“outro” acopladas a política e economia do sistema capital que visa o consumo e não a reflexão, a subjetividade, o sentir, a comunicação não verbal e a crítica no pensar.

Referências

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Arcos, 2009.

BACHELARD, Bergson. **Os pensadores**. São Paulo: Abril, 1974.

BAITELLO, Norval Junior. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2012.

_____. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BERTHERAT, Thérèse. **O corpo tem suas razões**: antiginástica e consciência de si. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

FOUCAULT, Michael. **A coragem da verdade**. São Paulo: WMF Martins fontes, 2011.

GARCIA, Wilton. Vestígios poéticos entre corpo e espaço: janela da alma. _____ (org.). **Corpo & espaço**: estudos contemporâneos. São Paulo: Factash, 2009.

_____. (org.). **Corpo & mediações**: ensaios e reflexões. São Paulo: Factash, 2007.

_____. (org.). **Corpo & interatividade**: estudos contemporâneos. São Paulo: Factash, 2008.

LYRA, GARCIA (orgs.). **Corpo & imagem**. São Paulo: Arte & Ciencia, 2002.

MARINHO, Nirvana. Lugar na dança contemporânea: ocupar-se. In: GARCIA, Wilton (org.). **Corpo & espaço**: estudos contemporâneos. São Paulo: Factash, 2009, p. 93-106.

ORTEGA, Francisco. Corporeidade e biotecnologia: uma crítica fenomenológica da construção do corpo pelo construtivismo e pela tecnobiomedicina. **Ciência e saúde coletiva**, n.12, p. 381-388, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1997.

VIANNA, Angel. **Figuras da dança**. São Paulo: Canal arte 1, 2013.